

As viagens de Nísia Floresta: memória, testemunho e história

Constância Lima Duarte
Universidade Federal de Minas Gerais
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Resumo

O texto contém uma breve apresentação dos livros que Nísia Floresta Brasileira Augusta publicou em terras estrangeiras. Nascida no Rio Grande do Norte, Brasil, em 1810, ela residiu em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa, em 1849, e visitar diferentes países até falecer, em 1885, em Rouen, na França. Dentre os 15 títulos que publicou – romances, novelas, contos, poemas e ensaios, escritos em português, francês e italiano –, destacam-se *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (Paris, 1857) e *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (Paris, 1864, v. I.; 1871, v. II), que, escritos sob a forma de diário ou de cartas, revelam, bem ao gosto da época, as emoções e as impressões da autora diante das cidades e países que visita. Nísia Floresta dialogou com o discurso das metrópoles, e em sua trajetória de vida ampliou os passos da jovem nordestina, autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que já anunciava, em 1832, uma postura ativa perante o olhar estrangeiro.

Palavras-chave: literatura de viagem; literatura de autoria feminina; Nísia Floresta.

Abstract

The text contains a brief introduction to the books that Nísia Floresta Brasileira published in foreign lands. Born in Rio Grande do Norte, Brazil, in 1810, she lived in Pernambuco, Rio Grande do Sul, and Rio de Janeiro before she moved to Europe in 1849, and visited different countries until her death in 1885, in Rouen, France. Among the various titles she published – novels, short stories, poems, and essays, written in Portuguese, French, and Italian – stand out *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (Paris, 1857) and *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce* (Paris, 1864, v. I; 1871, v. II), that, written in diary form or as letters, reveal, to the tastes of the epoch, the author's emotions and impressions of the cities and countries she visited. Nísia Floresta enacted a dialogue with metropolitan discourses, and her life trajectory enlarged the steps of the young Northeastern, author of *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, in which it is already present, in 1832, a dignified posture when confronted with a foreign gaze.

Keywords: travel literature; women's literature; Nísia Floresta.

Mesmo hoje, na segunda década do século XXI, quando mais se destacam os estudos culturais e a neo-história, é oportuna a leitura de certos livros que Nísia Floresta Brasileira Augusta publicou um dia em terras estrangeiras. Esta autora se destaca, dentre as demais brasileiras letradas

do século XIX, não só pela extensa produção intelectual – 15 títulos, dos mais variados gêneros –, mas também por ter se insurgido pioneiramente contra os preconceitos sociais de seu tempo.

Nascida no interior do Rio Grande do Norte em 1810, com o nome de Dionísia Gonçalves Pinto, Nísia Floresta residiu também em Pernambuco, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro antes de se mudar para a Europa em 1849, e viajar incansavelmente pelos países do Velho Mundo, residindo em Portugal, Inglaterra, Itália e França, até falecer, em 1885, em Rouen, interior da França.

Nísia foi uma das primeiras mulheres no Brasil a romper os limites do espaço privado e a publicar textos na grande imprensa, pois desde 1830 seu nome era presença constante em periódicos nacionais, comentando questões polêmicas como o direito de as mulheres, os índios e os escravos serem respeitados em sua integridade física e moral. Aliás, no gosto pela polêmica e no fato de viver sempre à frente de seu tempo, estariam também, a meu ver, traços de modernidade da autora.

Entre os principais títulos de Nísia Floresta, destaco *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832), inspirado em *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, e também em outros autores, como Poulain de La Barre, e na *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, de Olympe de Gouges, que denuncia o preconceito contra a mulher na sociedade brasileira e tenta desmistificar a ideia dominante da superioridade masculina. Também lembro *Conselhos à minha filha* (1842), *Opúsculo humanitário* (1853) e *A mulher* (1859), que discutem questões relativas à educação e à condição feminina; e o poema *A lágrima de um Caeté* (1849), que, diferentemente da maioria dos textos indianistas, traz o ponto de vista do índio consciente de sua derrota histórica e inconformado com a opressão do invasor.

No mesmo ano da publicação desse livro, Nísia Floresta viajou para a Europa, onde se relacionou com renomados escritores, como Alexandre Herculano, António Feliciano de Castilho, Alexandre Dumas, Lamartine, Duvernoy, Victor Hugo, George Sand, Manzoni, Azeglio e Auguste Comte, entre outros. Mas os registros das viagens de Nísia Floresta não foram conhecidos do público nacional, principalmente por terem sido escritos em língua estrangeira e permanecido nos países em que foram publicados. São eles: *Itinéraire d'un voyage en Allemagne e Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O primeiro foi publicado em Paris, em 1857, e traduzido para o português somente em 1982. O segundo, também publicado em Paris em dois alentados volumes, em 1864 e em 1872, apesar de considerado por mais de um crítico uma obra-prima, em que a autora teria alcançado a culminância de seu esplendor intelectual, permaneceu inédito em língua portuguesa até 1998, quando teve o primeiro volume traduzido e lançado em português. O segundo permanece inédito.

Nestes livros ela realiza o caminho inverso da maioria dos estrangeiros que aqui vinha “descobrir” o Brasil. Pois, ao percorrer as novas terras, estuda os costumes dos povos e visita os locais mais interessantes como a típica viajante ilustrada que sabe de antemão o que quer conhecer. Seus livros de viagem, escritos sob a forma de diário ou de cartas aos parentes distantes, pretendem revelar, bem ao gosto daquela época (e também da nossa), as emoções e impressões da autora

diante de cada cidade ou país que visita, bem como as reflexões que faz perante as ruínas ou de fatos históricos que presencia. Nísia Floresta realiza, portanto, muito mais que simples relatos, pois descreve com sensibilidade e erudição cada cidade, igreja, museu, parque, biblioteca, monumento que visita, e os diferentes tipos humanos que conhece.

E, ao redigir suas observações, ela se inscreve conscientemente num dos gêneros literários mais em voga na Europa, que era precisamente o das narrativas de viagem. E, dentre todos, os textos sobre viagens à Itália e à Alemanha se destacavam pelo numeroso repertório chegando a consolidar uma “tradição” de se ter que escrever sobre esses países. A Alemanha, inclusive, parece ter sido o país mais visitado pela maioria dos ilustres viajantes do século XIX, seguido de perto pela Itália e pela Espanha (DUARTE, 2008).

Tal modalidade literária — as narrativas de viagem — consistia no registro do visitante acerca de um lugar, privilegiando fatos ou instantâneos que melhor se amoldassem ao seu interesse narrativo. Na maioria das vezes os textos resultam de laboriosa pesquisa e revelam a preocupação com o que já tinha sido dito antes, e com o destinatário, mesmo quando não se afirma a pretensão de publicá-los. Inclusive, a julgar pelas informações minuciosas e pela literariedade presente na maioria deles, é difícil acreditar que tais relatos se destinassem a ficar confinados numa gaveta ou circulando em poucas mãos.

Dentre as muitas reflexões que circularam pela Europa, orientando o procedimento a ser adotado pelos viajantes, destacam-se as de Jean J. Rousseau.

Observa-se toda a região; olha-se para a esquerda e para a direita; examina-se o que apraz e a gente se detém quando se agrada do lugar. [...] Não basta para se instruir percorrer os países; é preciso saber viajar. Para observar é preciso ter olhos e voltá-los para o objeto que se quer conhecer. [...] Há muita diferença entre viajar para ver terras e viajar para ver povos. O primeiro objeto é o dos curiosos, o outro é apenas acessório. Deve ser o contrário para quem quer filosofar. A criança observa as coisas à espera de que possa observar os homens. O homem deve começar por observar os homens; depois observará as coisas, se tiver tempo. (ROUSSEAU, 1940, p. 494, 544, 548)

A arte de viajar incluía a realização de longos passeios a pé para melhor observar o que se apresentasse no trajeto, como a natureza, a cultura, os costumes do país. Nísia Floresta, veremos, assimilou as lições rousseauianas e viajará também *comme il faut*.

E se no Brasil poucos se ocuparam dessa modalidade literária, no Velho Mundo muitos foram os autores e títulos que se tornaram conhecidos, como Goethe, autor de *Italian journey* (1786); ou Catteau-Calleville, que publicou *Voyage en Allemagne et en Suède* (1810). Mas, dentre todos, o livro de Mme. de Stäel, *De L'Allemagne*, de 1810, destaca-se não só pela influência que exerceu sobre os românticos, mas também pela tumultuada história de sua publicação. Escrito a partir das viagens de 1803 e 1808, quando conhece Goethe, Schiller, Herder, Klinger e Schlegel, o livro provocou o rompimento da autora com Napoleão que o considerou pouco patriótico, diante dos conselhos para

os franceses serem favoráveis às novidades do estrangeiro, principalmente a filosofia e literatura alemãs. Quando, quarenta anos depois, Nísia Floresta realiza a sua viagem à Alemanha, ela se refere algumas vezes a Stäel, demonstrando quanto a conhecia e admirava suas obras.

Em 1840, Victor Hugo visitou a Alemanha, e em *Voyages* revela a preferência por locais medievais e sua emoção diante de cada monumento. Para ele, como para Nísia Floresta, as ruínas exerciam um fascínio especial. Em Aix-La-Chapelle, por exemplo, Hugo rende homenagens a Carlos Magno, tal como nossa autora. Aliás, o *Itinerário* nisiano, em alguns trechos – como aquele em que se encontra diante do túmulo de Carlos Magno –, realiza interessante diálogo com o texto *Voyages*, acompanhando de perto as descrições que o escritor francês faz do túmulo real e da história dos despojos fragmentados pela Igreja para melhor explorá-los.

Vejamos mais detidamente os livros de viagem de Nísia Floresta, com destaque para os aspectos inovadores de sua narrativa. Com o título de *Itinéraire d'un voyage en Allemagne* (Paris, 1857), o livro tem o prefácio assinado por Eugénie Pelsef, que revela, entre outras questões, a intenção da autora de não publicar o texto. Sob a forma de cartas, o que explica a intimidade contida em suas páginas, tais “impressões” pretendiam apenas “dar expansão a suas emoções junto ao coração da família”. À medida que a narrativa se desenvolve é possível perceber que esta correspondência, quase um relatório do dia a dia, cumpre também a função de preencher a solidão da viajante convertendo-se em um diário, em que a autora, além de registrar as impressões do que vê, deixa-se levar pelo devaneio tornando-se cada vez mais intimista.

Itinerário de uma viagem à Alemanha trata, pois, da primeira excursão realizada por Nísia Floresta ao país de Goethe passando pela Bélgica e pelo interior da França, entre agosto e setembro de 1856. Ao todo, são 34 cartas escritas diariamente (apenas 4 de setembro não tem a carta correspondente), dirigidas ao filho e aos irmãos que residiam no Brasil. A primeira é datada de 26 de agosto, Bruxelas, e a última, de 30 de setembro de 1856, foi escrita em Estrasburgo. Nas cartas, a autora descreve os momentos mais marcantes de seu percurso reiterando, em quase todas as páginas, as saudades que sentia e quanto desejava fazer tal passeio com toda a família e não só em companhia de Lúvia, a única filha presente.

As razões que a levaram a viajar são reveladas logo de início: a aproximação do primeiro aniversário de morte da mãe, o desejo de conhecer outros países e, ainda, de fazer uma peregrinação ao túmulo “do venerável amigo, o sábio e bom Duvernoy”, falecido no ano anterior. “Era-me necessário percorrer novos países, neles haurir novas Impressões, sob um horizonte mais amplo, em atmosfera mais livre e, conseqüentemente, mais consentâneas com minhas preferências” (FLORESTA, 1982, p. 9).

Interessante observar que a morte a impulsiona para a viagem, que, por sua vez, a conduz de volta à vida. Assim, o *Itinerário* conserva uma tensão entre morte e vida que fica bem perceptível no clima fúnebre que preside à primeira metade da narrativa. “Viajar, repito-lhes, é o meio mais seguro de aliviar o peso de uma grande dor que nos mina lentamente” (FLORESTA, 1982, p. 67).

E, à medida que o roteiro avança, ela fica menos melancólica e se refere cada vez menos à mãe e aos familiares, pois, sem perceber, deixa-se envolver pela movimentação normal da viagem:

Passando de paisagem em paisagem, de ruína em ruína e de cidade em cidade, nesta poética Alemanha, contemplando suas magnificências naturais e artísticas, o espírito arrebatado pelo requinte da arte e pelos encantos da natureza ora risonha e garrida, ora austera e recatada, minh'alma se prosterna, cada dia, perante o gênio benfazejo que me inspirou a ideia de visitar essas terras e me deu a coragem de executá-la. (FLORESTA: 1982; 89)

O país escolhido, sabemos agora, não poderia ter sido outro. Quem naquela época buscase novas emoções necessariamente ia ao berço do movimento romântico – à velha e poética Germânia, pátria de Leibnitz e Kant –, que preenchia com lirismo, tradição e exotismo, na dose certa, os espíritos sedentos de aventura. A Alemanha era, não só para Nísia Floresta mas para os demais escritores, o país da sensibilidade e da filosofia e, também, em suas palavras, “da poesia, do devaneio e amor, tanto quanto país de maravilhas do trabalho e do gênio humano.” A autora refaz o percurso de Mme. de Stäel, Victor Hugo e de outros viajantes, e como eles também revela suas *impressões*. Realiza o sonho ao conhecer a “terra-modelo”, a terra de *Werther*, de *Os saltadores*, e, mais ainda, a terra do *sturm und drang*, cujo fascínio sobre a imaginação romântica ainda não se havia esgotado.

Em *Itinerário de uma viagem à Alemanha* a narradora se coloca no centro da narrativa e tudo parece girar à sua volta. O que realmente importa para ela e, por consequência aos leitores, são as emoções que sente diante do que vê ou do que ouve. Não só seleciona o que vai contar como explicita a maneira de fazê-lo: sua emoção diante dos acontecimentos funcionará como um filtro, e só através dela conheceremos os detalhes de sua peregrinação.

Por isso, este não deve ser considerado um simples roteiro de viagem. Muito mais que o trajeto percorrido entre uma cidade e outra, o *itinerário* conterà em suas páginas as diversas *viagens* que a narradora empreende ao mesmo tempo. A viagem propriamente dita, que configura o presente da narrativa, se faz através das aldeias, cidades e vilas e nos é comunicada nas descrições das paisagens, dos castelos e das igrejas que visita. Mesmo as informações mais prosaicas – o meio de transporte utilizado, as distâncias percorridas, os preços dos bilhetes, a qualidade dos hotéis, os atropelos burocráticos das bagagens e das alfândegas – aí estão. Nestes momentos vem à tona o caráter de crônica próprio ao gênero:

Deixamos hoje Aix-la-Chapelle, pelas três horas da tarde, depois de haver visitado ainda algumas curiosidades. Chegando aqui, descemos no Hotel Clemente, cujo dono é casado com uma senhora agradável, que fala francês bastante bem. Tão logo ficamos instaladas em aprazível quarto no primeiro andar, de frente, dirigimo-nos a Deutz, aldeia do outro lado do Reno, que se comunica com Colônia através de uma ponte de barcos muito comprida. (FLORESTA, 1982, p. 35)

Mas o momento presente da viagem é apenas um ponto de partida e um estímulo para se alcançar o passado do lugar que visita. A visão de um monumento, de uma estátua ou de uma praça, por exemplo, tem o poder de provocar na viajante a lembrança de um vulto histórico ou de uma guerra acontecida séculos antes no mesmo local. E é no momento da *viagem* pela história antiga da Alemanha que melhor pode se observar a erudição da cicerone e seu vasto conhecimento da História.

Mas uma terceira *viagem* realizar-se-á através de incursões na subjetividade, quando reflete sobre o que está vivenciando ou dá vazão à nostalgia dos entes queridos. Nesse momento ela se autocontempla romanticamente e se faz espetáculo de si mesma e dos leitores. Busca conscientemente a solidão, os recantos mais escondidos dos bosques, dos campos, a margem dos rios e lagos, para melhor dar vazão à introspecção. É o momento intimista da meditação, em que o presente interior é revelado.

Aqui, como aí, a imagem de vocês se reflete em meus olhos sobre os lençóis argênteos e riscados de ouro pelo sulco dos barcos que contemplo na vasta ponte enegrecida, em cujo centro se eleva a velha e austera estátua avermelhada de Carlos Magno. A imaginação, faculdade benfazeja, triunfa sobre a distância que nos separa, representando vocês, constantemente do meu lado, por toda parte a que dirijo meus passos. (FLORESTA, 1982, p. 59)

Além das reflexões sobre sua condição de viajante e dos devaneios que a fazem lembrar dos parentes, esta narradora-personagem recua ainda mais para dentro de si através da memória, e busca reminiscências da infância e de seus familiares, vivos ou não, como forma de reviver um instante de felicidade. Está configurada assim mais uma *viagem*: a que conduz ao passado íntimo da personagem. Talvez seja esta a mais importante, se se considera que é a que mais nostalgia provoca e a que permitirá à autora elaborar analiticamente suas perdas e a própria solidão.

Quase me esquecia de tratar com vocês da impressão que, antes de deixar Stuttgart, produziu em mim a visão dos lagos que se acham nas proximidades da cidade. Os de meu país natal fizeram-se presentes a meu espírito com toda a poesia dos anos de minha infância. (FLORESTA, 1982, p. 96)

A narradora desfaz, pois, ao longo do trajeto de sua viagem-escritura, a linearidade temporal, fundindo muitas vezes o passado, o presente e o futuro cronológicos. Seu compromisso com o mundo real e o espacial é relativo, pois manipula-os subjetivamente, e cada momento do presente parece conter os momentos anteriores. A simultaneidade de planos que caracteriza a escrita moderna encontra-se, de certa forma, já neste *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, assim como *quase* a reprodução do fluxo da consciência e *quase* um monólogo interior. Se o narrador não desaparece do texto, por outro lado se identifica com o EU autobiográfico, que, afinal, é quem comanda a cena textual.

Examinemos agora *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. O *séjour* italiano de Nísia Floresta teve início em 19 de março de 1858 e terminou em meados de 1861, tempo mais que suficiente para percorrer o território da península mais de uma vez e conhecer também a Sicília e a Grécia. Permite-nos supor que, assim como alguns locais foram visitados mais de uma vez, a narrativa pode ter sido revista ao longo do tempo apesar das reiteradas negativas da autora sobre modificações do texto. Em todo caso, dada a demora de sua publicação, foram necessárias algumas anotações de pé de página para atualizar informações, como quando a autora descreve o “desagradável trajeto de sete horas, por uma estrada árida e deserta” a caminho de Roma e depois informa que, “no momento em que publicamos estas páginas uma estrada de ferro transporta passageiros, em duas horas, de Civita-Vechia a Roma”. O segundo volume, em que aparece o maior número de observações, traz uma advertência aos leitores: informa que o livro havia sido escrito *antes* dos “grandes acontecimentos” (a luta pela independência) que então estavam sendo contados (FLORESTA, 1872, p. 47).

Como ocorreu com a Alemanha, muitos escritores também já haviam visitado o solo italiano e fizeram apaixonados relatos de sua estada. Entre os mais ilustres, lembro Chaucer, que por duas vezes cruzou este território no século XIV para conhecer Petrarca e a Renascença italiana; e Montaigne, que descreveu sua viagem em *Journal de voyage en Italie*. A segunda metade do século XVIII, considerada a “idade de ouro da viagem à Itália”, registrou um sem-número de relatos, como o do astrônomo francês Lalande, que publicou um livro de enorme repercussão: *Voyage d'un françois en Italie* (1769); o abade Coyer, autor de *Voyages d'Italie et de Hollande* (1775); e Goethe, que perambulou durante dois anos, de 1786 a 1788, e depois escreveu *Italienische Reise*, composto de cartas dirigidas a Charlotte von Stein. Este livro é importante principalmente por conter a “educação do *olhar*” goethiano que tal viagem propiciou, e alguns princípios da “arte de viajar”, preconizados anteriormente por Rousseau. Entre os franceses, Victor Hugo e Chateaubriand também conheceram de perto este país, assim como George Sand, Musset, Michelet, Lamartine e Mérimée, cujas obras revelam influências da excursão em terras italianas.

Após estes e tantos outros viajantes, era chegada a vez de Nísia Floresta conhecer a Itália. Diferentemente dos que percorreram o país em algumas semanas, como ela mesma fez em sua excursão à Alemanha, vai permanecer aí por três longos anos, tempo mais que suficiente para conhecer lugares, fazer amizades e residir ora em Roma, ora em Veneza, Florença ou Milão.

Trois ans en Italie inicia-se como se fosse um *diário de viagem* e termina como uma *crônica histórica*. Nísia opera ainda neste texto uma singular fusão entre as duas formas de diário, o “de viagem” e o “íntimo”, além de guardar uma semelhança com o gênero epistolar, quando escreve se dirigindo a alguém. Mesmo no diário, aqui e ali surge um vocativo que se refere à pessoa com quem dialoga (ou “monologa”), que tanto pode ser alguém de seu relacionamento, como um personagem histórico, uma cidade ou um cidadão qualquer.

Esta oscilação entre diário íntimo, diário de viagem e carta vem caracterizar a narrativa desta escritora que parece não tratar um tema objetivamente, sem se colocar no centro da questão. Em praticamente toda a sua obra, os sentimentos e pensamentos mais íntimos são divulgados, pois ela não hesita em registrar dados autobiográficos e revelar seu ponto de vista em letra impressa. Esta subjetividade poderosa também vai estar presente neste texto, pontuando-o com reflexões, opiniões e, principalmente, referências à sua vida particular.

Como a maioria dos escritores que buscava conhecer o que os viajantes anteriores havia dito, Nísia Floresta, ao registrar suas impressões da estada em terras italianas, também menciona os livros dos que a precederam. Afinal, referir-se a eles representava uma amostra de erudição e uma atitude de reverência para com estes textos.

Onde tantos grandes gênios, tais como Goethe, Byron, C. Delavigne e Lamartine vieram entreter-se com a sombra lastimosa do sublime cantor da *Jerusalém Libertada!* A minha pobre pena nada poderia acrescentar. Mas uma lágrima sinceramente derramada nunca é demais para uma desgraça e essa lágrima foi, sem dúvida, a primeira derramada *por uma mulher brasileira* na prisão de Tasso. (FLORESTA, 1864, p. 227; grifos nossos)

Assim, em *Trois ans en Italie* ela intertextualiza o próprio relato com alguns dentre os mais conhecidos, como Byron e Goethe, citando-os e comentando os pontos comuns entre seu comportamento e o deles. Também menciona textos de outros viajantes, com os quais discorda, por emitirem opiniões apressadas ou falsas acerca do país. E apesar do numeroso repertório que encontra, ainda assim ela inovará o gênero, principalmente na abordagem sensível que faz do tempo presente italiano. O passado será importante enquanto referência para compreender e valorizar o momento presente. Da mesma forma ela age com relação à Grécia: apesar de as fantásticas ruínas estarem diante de seus olhos, não deixa de observar como os jovens se comportavam e de se inteirar da situação política, social e cultural do país.

Não é, portanto, apenas uma turista que aí está, mas uma mulher portadora de uma consciência política forjada num passado de lutas contra o preconceito e as injustiças sociais. Nísia Floresta, é bom lembrar, desde a infância conviveu com fases revolucionárias em que se defendiam propostas liberais (em 1817 e 1824, em Pernambuco; de 1835 a 1838, com a Farroupilha, em Porto Alegre; e em 1848, com a Revolução Praieira, também em Pernambuco), responsáveis, aliás, pelas inúmeras mudanças de domicílio ao longo de sua vida. O fato de ter conhecido Garibaldi quando residia no sul do Brasil, por ocasião da Farroupilha, torna mais elucidativo seu entusiasmo pelo revolucionário italiano quando ele toma a frente dos combates (DUARTE, 2008).

Também em *Trois ans en Italie* podem-se observar alguns níveis narrativos. O primeiro conteria a viagem propriamente dita, com as informações acerca de cada cidade, os contratemplos, os passeios, as festas populares, as novas amizades, enfim, o conjunto de pormenores que preenchem cada instante de uma viagem. O segundo traria a incursão que realiza em sua subje-

tividade, seja em busca de lembranças de um passado familiar, seja nos instantes em que se isola do presente exterior próximo e se refugia em experiências de caráter íntimo. Em um último nível, o terceiro, teríamos a sua *imersão* pela História, com reflexões e tomadas de posição acerca dos acontecimentos político-sociais. A narradora revela-se uma sutil observadora e analista de comportamentos ao perceber os prenúncios da revolução que se aproximava, neste momento-limite em que se encontrava o povo italiano. *Trois ans en Italie* é precisamente o livro em que melhor se delinea a ideologia política da autora, tanto por ter sido realizado num momento de maturidade intelectual, como por refletir as transformações sociais e políticas italianas. Nísia Floresta, como *cronista* da história italiana, expõe seus pensamentos liberais, toma partido e defende com paixão seu ponto de vista.

Mas por vezes o relato de viagem também se transforma em *diário íntimo*, quando a autora registra pensamentos de caráter pessoal, devaneios, confessa as saudades dos parentes e da pátria, ou a alegria pela chegada de notícias. Trata-se, portanto, do espaço narrativo onde se encontram informações nitidamente autobiográficas, como as lembranças de aniversários de nascimento e morte dos entes queridos. Segundo a autora, os desabaços e confidências só encontrariam eco entre aqueles que, como ela própria, viajavam e estavam distantes da pátria e dos seres queridos, pois:

Somente para essas pessoas têm sentido as poucas linhas que acabam de escapar deste coração, hieróglifo indecifrável para o vulgo, que talvez me lerá indiferente a essas coisas emanadas do coração e que buscará nessas páginas somente a narrativa das coisas, tão repetidas por outros viajantes, com talento e um gosto formal refinado, que não pretendo exhibir de maneira alguma. (FLORESTA, 1864, p. 104)

Ainda assim, os momentos autobiográficos são aqui bem menos numerosos do que os que aparecem no livro de viagem à Alemanha. Em 10 de abril, por exemplo, ela recorda o dia em que partiu do Brasil para a Europa pela segunda vez. Refaz mentalmente as circunstâncias da partida, as despedidas no porto do Rio de Janeiro, pelo simples prazer de se lembrar do passado e referendar alguns momentos de sua vida: “retomei o vôo para o Velho Mundo, onde procuro, em vão, através das viagens, adormentar a tristeza da alma. E quanto mais se sucedem os dias, os meses e os anos, mais sinto o vazio que se faz em torno de mim” (FLORESTA, 1864, p. 40).

A *persona* que predominou no *Itinérário de uma viagem à Alemanha* – da mulher romântica, melancólica e solitária – parece surgir neste livro quase como uma imposição estética, pois não deixa de ser contraditória a confissão de tristeza à noite quando escreve no diário e o entusiasmo pelas belezas artísticas que viu durante o dia. A imagem que se impõe sobre as demais, em *Trois ans en Italie*, é, acima de todas, a da mulher intelectual e madura, autora de livros conhecidos e que ocupava seu tempo estudando os novos países, escrevendo ou frequentando os mais diversos cursos. A imagem de mulher *pública* fica mais evidente quando nos deparamos, ao final do livro, com a transcrição da “carta de despedida” a Florença que publicou nos jornais da cidade em 10 de julho de 1861, dia de sua partida, dando conta do seu carinho pelo país e pelas pessoas

que conheceu. Como seu *séjour* nestas terras não se passou de maneira discreta, nem limitado ao âmbito privado de alguns poucos relacionamentos, de certa forma, justifica-se sua despedida pública (DUARTE, 2008).

Se em *Itinerário de uma viagem à Alemanha*, a autora tentou recompor as próprias “ruínas” interiores, despedaçadas no sentimento de perda que então a dominava, dois anos depois, em *Trois ans en Italie*, ela parece buscar a superação do individualismo em prol do social e do coletivo. Natural, pois, que neste livro manifeste preocupação com os destinos dos povos. As “ruínas morais” que percebe estão expressas principalmente nos sistemas de governo autoritários, na exploração do trabalho escravo, na dominação tirânica de um país sobre outro, no abuso da força física e em todos os tipos de tortura que se pratica sobre os vencidos. “Quando os bárbaros desaparecerão da terra?”, é a pergunta que faz, instigando o leitor à reflexão.

Ó futuro, futuro! quanta doce consolação não se experimenta ao pensar na melhoria e na felicidade que reservas a esta pobre Humanidade, já sujeita a tantos flagelos naturais e inevitáveis, arrastando ainda o pesado grilhão da escravidão física e moral, com o deplorável cortejo de desgraças! (FLORESTA, 1864, p. 147)

Voltar-se para o futuro equivalia, segundo a lógica do espírito romântico, a projetar para depois o desejo de justiça e de paz que não era possível em seu tempo. Havia entre os românticos uma preocupação de cunho libertário que ultrapassava a questão regional e até a nacional, pois queriam abarcar a defesa de todos os oprimidos, de todas as raças. Esta herança utópica da ideologia progressista, cuja visão era universal, data dos fins do século XVIII e do início do XIX.

Possam os governos de todos os países civilizados escutar os gritos da agonia prolongada desses desgraçados oprimidos, brancos e negros! E que a libertação geral dos escravos no Novo Mundo como no Velho Mundo, assinalando uma das mais gloriosas épocas nos anais da Humanidade, evidencie a elevação das ideias do século dos maravilhosos progressos intelectuais. (FLORESTA, 1864, p. 158)

A autora está em Messine, na Sicília, quando os jornais noticiam a deflagração do movimento revolucionário pela unificação italiana. Seu texto, a partir de então, reforça uma feição de crônica-histórica por conter não só transcrições de matérias jornalísticas relativas aos avanços e às vitórias dos liberais, mas também cartas de Garibaldi à população e comentários da autora com “os votos mais ardentes” pelo triunfo completo da revolução. A cronista toma partido e não esconde em nenhum momento quanto estava envolvida pelos acontecimentos. *Monitore Toscano*, *Il Movimento*, *Constitutionnel* e *La Nazione* são alguns dos jornais de onde extrai notícias que atestam a veracidade dos fatos históricos que servem de base ao seu texto. Em maio de 1860, por exemplo, *La Nazione* publicou um apelo às mulheres italianas assinado por Garibaldi, para que elas demonstrassem seu “amor à causa” doando joias para a compra de armas, que Nísia Floresta fez questão de incluir em suas anotações. O tom panfletário da matéria jornalística parece con-

taminar o texto nisiano, que, mais do que nunca, se mostra partidário, defendendo suas ideias com entusiasmo.

Por tudo isso, este “diário de viagem” se constitui num valioso documento para o estudo da História italiana, principalmente por conter em suas páginas a história observada da perspectiva dos dominados. *Trois ans en Italie*, envolvido por um discurso de caráter histórico, guarda análises sensíveis e eruditas acerca do passado, do presente, da vida social e política, dos costumes do povo, das tradições, enfim, de tudo que mais caracterizava a vida na Itália naqueles idos de 1860, além das citações de autores e obras e da multiplicidade de nomes de personalidades. O livro termina por compor um painel social-político tornando-se uma importante fonte de pesquisa para estudos de natureza científica, referentes, por exemplo, à História, Antropologia, Sociologia, Política, História da Literatura e das Artes.

As referências à experiência pessoal ou ao caráter autobiográfico presente nos *Trois ans* não chegam a comprometer de forma decisiva o testemunho de época do livro, pois não impediram o registro da crônica política, da crítica cultural e das reflexões sobre a história daquele país. É nesse aspecto que reside a maior das diferenças entre este livro e o anterior. O autobiografismo aqui não se manifesta de forma individualista como no *Itinerário*. É a autora que narra, mas ela ultrapassa as limitações de um diário para se revelar uma cronista que faz a documentação das experiências históricas de um povo. A autora se inclui deliberadamente na trama do mundo e passa a fazer mesmo parte do espetáculo ao emitir opiniões, tomar partido ou vibrar com a vitória dos revoltosos.

Enfim, esta é Nísia Floresta. Uma brasileira de olhar viajante e reflexivo, sujeito periférico dotado de perspicácia e ousadia, a dialogar de igual para igual com o discurso das metrópoles. Em sua trajetória de vida ela nada mais faz que ampliar os passos da jovem nordestina, autora de *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, que já anunciava, em 1832, uma postura altiva perante o olhar estrangeiro.

Referências

- DUARTE, Constância Lima. *Nísia Floresta: vida e obra* [1995]. 2. ed. Natal: Editora da UFRN, 2008.
- FLORESTA, Nísia. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1864. v. I.
- _____. *Trois ans en Italie, suivis d'un voyage en Grèce*. Paris: E. Dentu, 1872. v. II.
- _____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Natal: Universitária, 1982.
- _____. *Itinerário de uma viagem à Alemanha*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação e notas biográficas Constância L. Duarte. Florianópolis: Mulheres, 1988.
- _____. *Três anos na Itália*. Trad. Francisco das Chagas Pereira. Apresentação Constância L. Duarte. Natal: Editora da UFRN, 1999.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio*. Excerptos traduzidos, anotados e prefaciados por António Sérgio. Lisboa: Inquérito, 1940.

Minicurrículo

Constância Lima Duarte é pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e doutora em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo. Dentre os livros publicados e ou organizados, destacam-se *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de Nísia Floresta (1989); *Nísia Floresta: vida e obra* (1995; 2009); *Nísia Floresta e Auguste Comte – Correspondência* (2002); *Correspondência de Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade* (2003); *Revista Via Láctea – 1914-1915* (edição fac-similar, 2003); *Nísia Floresta: primeira feminista do Brasil* (2005); *Mulheres de Minas: lutas e conquistas* (coautoria, 2008); *Dicionário de escritoras portuguesas* (coautoria, 2009); *Inéditos e dispersos de Nísia Floresta*. (Org., 2009); *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória* (Org., 2010); *Escritoras de ontem e de hoje* (Org., 2012); *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX*. Dicionário ilustrado (2016).